

Francisco Luiz dos Santos, líder Kaingang

Faleceu, em 15 de outubro, o bravo índio Kaingang, Francisco Luiz dos Santos, 76 anos, da Área Indígena Manguaerinha, Paraná.

Era filho de Ana Maria Luiza e de José Luiz dos Santos e bisneto do Major Krito, de quem herdara o nome índio: Krito e, a terra sua morada e de seu povo e, onde está descansando em paz, no cemitério da Campina, junto a outros valentes índios, como José Capanema, João Vicente Capanema, Balbina da Luz Abreu, João Luiz dos Santos, Augusto Luiz, Ângelo de Sousa Krito.

Francisco Luiz dos Santos foi capitão e líder dos Kaingang da Área Indígena Manguaerinha. Pertenceu ao movimento indígena que eclodiu no país, na década de 70 e à União das Nações Indígenas, UNE.

Participou de reuniões, atos públicos, encontros realizados em São Paulo, em Curitiba e Florianópolis, sempre defendendo os direitos indígenas, notadamente na defesa dos direitos territoriais dos Kaingang e Guarani da Terra Indígena Manguaerinha.

Chico Luiz conhecia a história dos Kaingang do sul do Brasil e a história do contato entre índios e brancos. Narrava a ocupação pelos Kaingang, no século passado, das



terras que fazem parte da Área Manguaerinha.

"Meu bisavô, Antonio Joaquim Cretã, o cacique Krito, contou para minha avó, Maria Joaquina de Abreu a história que estou contando para a senhora" me dizia Chico Luiz, em novembro de 1995, com ares de professor que ensina a aluna que deseja conhecer a verdadeira história dos Kaingang de Manguaerinha.

Estive, pela primeira vez, na aldeia Campina, na casa dos Luiz dos

Santos, em 1966. Conheci Ana Maria Luiza, sua mãe. Foi minha informante, quando realizei o primeiro censo do Posto Indígena Cacique Capanema, para o trabalho que escrevi sobre os Kaingang do Paraná (1974).

Chico Luiz era capitão dos índios da Terra Manguaerinha. Sabia narrar, com sabedoria a história dos Kaingang, a luta pela terra. Fazia críticas à política do SPI/FUNAI. Tinha um pé atrás com as autoridades "brancas" que exploravam os índios, os regionais que depredavam a mata, extraindo madeiras da Área e, com os "brancos", que namoravam as índias, com interesse na terra indígena.

Chico Luiz narrou, no seu último ano de vida, os episódios da ocupação da terra, a expulsão, na década de 60, de algumas famílias Kaingang do centro da Área Indígena e a reocupação do território pelos Kaingang.

Tive oportunidade de gravar a sua fala, ouvir com atenção suas narrativas e privar de sua amizade e confiança.

Aprendi a admirar Chico Luiz nestes trinta anos de profissão voltada a bem compreender os povos indígenas e suas singularidades.

A Área Indígena Manguaerinha e os Kaingang como um todo perde-

ram um grande líder e um guerreiro. Seus parentes, amigos, especialmente Dona Amália, sua velha companheira, seus filhos, filhas, genros, noras, netos e irmãos ficaram com a dor de uma imensa saudade.

Restou para nós o orgulho de havermos compartilhado de sua amizade.

Certa vez, me agradeceu porque estava escrevendo a história de seu povo, de sua linhagem, a sua história, que ele revelou com palavras fortes, impregnadas de sabedoria e vontade política de narrar a versão dos índios.

Sou grata a Chico Luiz porque me acolheu na sua aldeia e revelou com rara beleza a história épica de seu povo, de seu bisavô, Antonio Joaquim Krito, "o bisavô que ganhou a terra por serviços prestados na Colônia Militar do Chopim", no final do século passado. Sou grata a Chico Luiz, porque me aceitou como pesquisadora, possibilitando que penetrasse no mundo dos Kaingang e registrasse a valentia desse povo, tão distinto da minha sociedade e que aprendi a respeitar, admirar e a amar. Saudades de Chico Luiz!

Por Cecília Maria Vieira Helm
Antropóloga